

# O PROCESSO DE PREDICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA

Marilia Blundi ONOFRE (UFSCAR)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os pressupostos enunciativos sobre os quais sustentamos nossas reflexões fundamentam-se na Teoria das Operações Enunciativas de Culioli. Esse referencial teórico leva-nos a compreender que o processo de predicação faz-se por meio de operações de representação mental, referenciação e regulação. A predicação é mediada, paralelamente, por fatores de ordem psicológica e sociológica. É no diálogo, no embate psicossociológico, que a significação é instaurada. Tendo em vista a articulação que se postula entre questões cognitivas e lingüísticas, por meio da relação entre as variantes e invariantes lingüísticas, consideramos esse quadro teórico um importante referencial para o exercício do ensino/aprendizagem de língua.

**ABSTRACT:** The enunciative postulates on which we support our reflections are based on the Theory of the Enunciative Operations proposed by Culioli. This theoretical framework takes the enunciation as resulting of mental representation, referencial and regulation operations. It is also mediated for psychological and sociological factors. The dialogue is generated by psycho-sociological confrontation. Considering the relationship between cognitive and linguistic themes, and so the relationship between variant and invariant linguistics, we attempted to transfer this reflexions to the language teaching and learning process.

## 1. Introdução

Propondo a articulação entre linguagem e línguas naturais, Antoine Culioli (1985) retoma a questão posta por Benveniste (1939) sobre a necessária relação entre o significante e o significado<sup>2</sup>, e assim, colocamos frente à problemática que envolve a compreensão do processo de predicação, a saber: a significação faz-se a partir dos signos/nomes ou a partir de predicações?

A Lingüística tem como desafio resolver essa dialética. Segundo Rezende (2000), a questão que se põe para a Lingüística sobre o fato de uma análise partir quer do “nome” quer da “predicação” é circular, se se considerar que o “nome” é um objeto construído por meio da “predicação”, ao mesmo tempo que a predicação constrói-se por meio da relação entre “nomes”. É o que ocorre, por exemplo, em “maçã ser maçã”. Rezende afirma que

Esse é um dilema de gênese, de origem. Como questão filosófica pode não estar resolvida. Pode ser de difícil solução. Pode nem mesmo ter solução. Mas como início para uma prática científica saudável, precisa ser explicitada e assumida, pelo menos enquanto dilema, e opções claras (...) precisam ser feitas e transformadas em hipótese do trabalho lingüístico. A opção por um caminho ou por outro condicionará o trabalho lingüístico (...). (REZENDE, 2000, p.184)

Apropriando-nos, ainda, da palavra de Rezende, a nossa opção é pelos “*predicáveis que quando “predicados”, “ditos” constroem nomes*” (Rezende, 2000, p. 185). É nesse movimento de predicação que será possível encontrar o “sujeito”, autor da predicação, estabelecendo relações espaciais e temporais na enunciação. Tem-se, desse modo, instaurada a relação sujeito/tempo/espaco, ou seja, instauram-se as invariantes lingüísticas, que se deixam ver por meio das marcas lingüísticas características das variantes lingüísticas.

Ao considerar esse lugar, gerador da significação, rompe-se com a tradição de estudos lingüísticos que focalizam o produto lingüístico já estabilizado e categorizado quer em nome/verbo ou signo. É no exercício

<sup>1</sup> Departamento de Letras - Universidade federal de São Carlos - UFSCar - 13.565-905 - São Carlos – SP – Brasil - E-mail: blundi@uol.com.br.

<sup>2</sup> BENVENISTE, E. Natureza do signo lingüístico. In: -----, Problemas de lingüística geral I. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 53-67 (1939).

de predicação que os sujeitos constituem-se como tal, constroem significação. É nesse exercício que se estabilizam valores, porém, é por esse mesmo exercício que valores cristalizados deixam-se desestabilizar, abrindo-se para outros valores. O objeto de análise proposto, então, passa a ser a predicação/enunciação, enquanto unidade dialógica, produzida por interlocutores em situação de enunciação.

## 2. A predicação lingüística pela teoria das operações enunciativas

Para recuperar esse movimento de construção de significação que se constitui pela enunciação, é preciso considerar a língua enquanto sistema de representação lingüística (produto) responsável por veicular as operações de linguagem (processo). Para tanto, Culioli apresenta um modelo que se sustenta pela articulação entre questões de ordem da lingüística e da cognição, por meio das operações de representação mental, referenciação e regulação.

A representação mental diz respeito à forma de apreensão do mundo pelo sujeito, que se constrói mediada por fatores físico-culturais e mentais. Esse processo reflete-se na linguagem e caracteriza-se por construir as noções (lingüísticas/extralingüísticas) que adquirem forma, quando em relação com outras noções. Trata-se da capacidade que o sujeito tem de observar os objetos do mundo, atribuir-lhes propriedades, e isso se faz na relação entre as propriedades (P) de um objeto e as não propriedades (P') desse objeto. A representação mental, então, constrói-se pela afirmação de uma série de propriedades características de um objeto X, o que implica a negação de outras tantas propriedades. O processo de construção da relação P/P' instaura-se a partir de um ponto de indistinção, em um momento imediatamente anterior ao estabelecimento de propriedades quer P quer P', quando se tem o conjunto de propriedades possíveis de constituir-se uma noção (domínio nocional). Esse lugar de indistinção é chamado de centro organizador, e compõem-se pelo que se denomina domínio nocional. Segundo Culioli

A relação de localização é sempre binária: até mesmo um único ponto x será construído como sendo um localizado em relação a si mesmo ou como o produto final de uma operação que identifica um localizado em relação a um localizador. Se se considerar um conjunto de pontos categorizados em relação a uma propriedade p, esses pontos necessariamente serão localizados em relação a um centro organizador, e, por meio de identificação ou diferenciação, formará um domínio nocional com propriedades formais. (CULIOLI, 1990, p. 180).<sup>3</sup>

Os processos referenciais consistem nas operações de localização das noções em um dado tempo e espaço. A construção desses processos é mediada pelo sujeito. Quando o sujeito apropria-se de um objeto, ele o faz relacionando-o com outros objetos, situando-os em um dado tempo e espaço. Culioli considera que

O requisito para a referência é a construção de um complexo sistema coordenado intersubjetivo, de um espaço referencial, e de objetos lingüísticos localizáveis (mais certamente, localizável em relação ao centro organizador de um domínio nocional, tanto quanto em relação aos parâmetros subjetivos e espaço-temporal do espaço referencial. (CULIOLI, 1990, p. 180).

A regulação define-se por ser a relação enunciativa instaurada entre os sujeitos enunciadore, tendo em vista as operações de representação e referenciação. Culioli diz que essa operação é central na atividade de linguagem, pois consiste nos ajustamentos feitos pelos sujeitos na atividade linguagística mediados pelos fatores psicossociológicos. Tais ajustamentos são possíveis se se levar em conta que a linguagem tem a propriedade de ser ao mesmo tempo estável e deformável, o que possibilita a incessante criação de sentidos, que se cristalizam no momento de enunciação e já se abrem para novas ocorrências, ou novos valores. Assim,

(...) regulação intersubjetiva consiste em ajustar estruturas de referência e representações, em validar formas em relação a uma ocorrência ou a uma classe de ocorrências, construir caminhos válidos e trajetórias direcionadas em espaços medidos (...).(CULIOLI, 1990, p. 181).

<sup>3</sup> As citações dos textos em francês foram traduzidas.

### 3. O processo de predicação: um exercício de leitura

As três operações citadas acima podem ser exemplificadas pelo seguinte excerto extraído do conto *Corpo Fechado de Guimarães Rosa*<sup>4</sup>:

(...) - E o Miligido ?  
- Esse era bom...Homem Justo. O que ele era era preto...Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto...Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova ...Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha ..(...) (ROSA, 1984 , p. 273)

Nessa ocorrência, podemos observar que o diálogo constrói-se por meio de um processo de referenciação léxico-gramatical que apresenta a visão do personagem *Manuel Fulô* sobre um certo *Miligido*, que *tinha muitas qualidades, ainda que fosse preto*. Essa referenciação se faz a partir de um pré-construído, recuperado no texto, pelas seguintes predicções:

<ser preto é ser desqualificado>

<ser desqualificado é ser não amigo, não bom, não justo, não valente>

A construção dessa noção de <preto>, resulta das concessões apresentadas pelo enunciador, recuperadas pelas seguintes marcas:

- a. *Esse era bom...Homem justo. O que ele era era preto*
- b. *O que ele era era preto, mas foi meu amigo.*
- c. *Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto (= era um verdadeiro preto), mas foi meu amigo.*
- d. *O que ele era era preto, mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo.*

Essas marcas levam-nos a seguinte leitura:

<embora Miligido fosse preto, um verdadeiro preto, e preto é desqualificado, Miligido era bom, justo, amigo e valente>

Essa constituição da noção <preto> é gerada por meio de sua negação, ou seja, pelo seu complementar <não preto>.

<ser bom, justo, amigo, valente> implica <ser não preto>

<ser não bom, não justo, não amigo, não valente> implica <ser preto>

No texto, não se fala explicitamente que <preto é desqualificado>, essa noção é recuperada pelas marcas de concessão. Assim:

<ser bom, justo, amigo, valente> implica <ser não preto>

<ser não bom, não justo, não amigo, não valente> implica <ser preto>

Por meio dessa enunciação, verificamos que o sujeito enunciador assume uma dada representação acerca da noção <preto>, isto é, <preto é desqualificado>, e essa construção de significação vai indicar qual é a representação mental do enunciador sobre a noção enunciada.

<sup>4</sup> ROSA, J. G. O corpo fechado. In: -----, **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 269-300, 1984. 29 ed.

É preciso ressaltar que toda representação constrói-se na enunciação. Se há um pré-construído dado por <preto é desqualificado> com o qual o enunciador dialoga, retomando-o, reiterando-o, esse é resultante da incidência da predicação <ser desqualificado> atribuído à noção <preto>, e da validação dessa atribuição por um grupo social, em um dado tempo e espaço, validação que vai ser reiterada pelo enunciador. No exemplo dado, embora o enunciador valide o pré-construído, ele faz concessões em relação a esse, uma vez que se trata de *uma propriedade válida para todos aqueles que são pretos, exceto Miligido*. Esse diálogo instaurado resulta da regulação entre os enunciadores.

É importante observar que o movimento de linguagem/língua se deixa modular em um constante jogo de estabilização e desestabilização de valores/significação. Paralelamente a uma dada noção cristalizada, há a possibilidade de se criarem outros diálogos a partir dos quais uma representação lingüística pode ser nova, isto é, diferente de qualquer outro emprego já atribuído àquela noção, ou pode dialogar com uma representação já dada, identificando-se com ela, ou contrapondo-se a ela. Na atividade de linguagem uma nova significação pode impor-se, estabilizando-se, do mesmo modo que uma significação já estabilizada pode alterar-se, e até mesmo apagar-se.

#### 4. A teoria das operações enunciativas e o ensino/aprendizagem de língua

Essa reflexão sobre o processo de significação posta por Culioli, que articula o lingüístico e o cognitivo, aproxima-se dos princípios construtivistas de aquisição do conhecimento, pois leva em conta as operações realizadas pelos interlocutores na construção de significação, que resultam do jogo entre noções interdisciplinares, como, por exemplo, relações de quantificação, qualificação, implicação, causalidade, temporalidade, espacialidade. No excerto apresentado, identificamos as seguintes noções que são acionadas no processo de leitura:

##### 1. Noções de quantificação/qualificação:

<Dado um conjunto de Homens>

<Do conjunto dos Homens>

<Há um certo Homem>

<Esse homem chama-se Miligido>

<Miligido é bom, justo, preto, engomado de preto, amigo, valente>

<Preto é desqualificado>

##### 2. Noções de implicação/causalidade

<Miligido ser preto> não faz que <Miligido seja desqualificado>

##### 3. Noções de temporalidade/espacialidade

<Em um dado tempo e espaço distantes do tempo da enunciação, havia um certo Miligido que ...>

Podemos considerar que em Culioli encontramos um referencial para a abordagem de questões relativas ao ensino/aprendizagem de língua, tendo em vista que se pretende desenvolver a capacidade discursiva (dialógica) dos aprendizes.

Tal desenvolvimento será provocado à medida que o aluno for levado a operar com as possibilidades de dizer que se apresentam aos enunciadores, o que envolve escolhas léxico-gramaticais a serem efetuadas, diante daquilo que se quer enunciar. O trabalho com o ensino/aprendizagem de língua deve sensibilizar o aluno para o fato de que a cada organização léxico-gramatical apresentada, há uma correspondente produção/interpretação de texto. Propõe-se, assim, abordar as relações léxico-gramaticais enquanto resultantes de um processo de referenciação lingüística responsável por instanciar a enunciação. Essa referenciação caracteriza-se pelas marcas de pessoa, espaço e tempo, constituídas, por sua vez, pelas noções de qualificação/quantificação, tematização, diátese, modalização, tempo-aspectualização.

O trabalho com instâncias enunciativas implica colocar-se em um lugar anterior à categorização lingüística (que é tão valorizada no ensino), implica observar o processo de construção de significação.

Nesse sentido, há um rompimento com a visão dualista tradicionalmente adotada no ensino, cujo parâmetro é o *certo* e o *errado*. A produção lingüística do aluno (oral ou escrita), segundo essa perspectiva, não é avaliada segundo padrões de acerto ou erro, mas como produções mais ou menos adequadas às situações discursivas veiculadas. As escolhas efetuadas pelo aluno, quer no exercício de produção de texto quer no de interpretação, caso não sejam as mais adequadas, devem servir de pistas a serem percorridas pelo professor para auxiliar o aluno a explicitar aquilo que ficou na iminência de dizer, uma vez que é possível recuperar a significação pretendida pelo aluno, seja pelo próprio texto, seja por meio do diálogo sobre o texto. A partir desse reconhecimento, a tarefa do professor é levar o aluno a reorganizar suas relações léxico-gramaticais, dentre as diferentes possibilidades de dizer, selecionando aquela que mais se ajusta à significação desejada.

O desenvolvimento desse trabalho pauta-se na articulação entre a glosa epilingüística e as operações de paráfrase (ou construção de famílias parafrásticas), conceitos por meio dos quais Culioli (1976) explica o trabalho que se faz com a linguagem, por um lado, enquanto atividade metalingüística não controlada, e por outro lado, enquanto atividade metalingüística provocada.

Se considerarmos o excerto de *Corpo Fechado*, aqui analisado, é possível verificar que a leitura realizada sustenta-se por esses conceitos citados. O percurso realiza-se pela reconstrução de diálogos instaurados pelas relações léxico-gramaticais, que correspondem às variantes lingüísticas, que, por sua vez, evidenciam as noções invariantes (de quantificação e qualificação, implicação e causalidade, temporalidade e espacialidade) que traduzem uma dada situação enunciativa. Essa reconstrução demonstra tanto o caminho de leitura que se desenvolve pela glosa epilingüística, ou seja, pela atividade metalingüística não controlada, quanto um caminho a ser explorado pelo lingüista ou professor de língua, visto que se desenvolve pela atividade metalingüística provocada.

Entendemos que o aluno, ao operar com as relações léxico-gramaticais responsáveis pela constituição dialógica, refina a sua capacidade cognitiva-lingüística, desenvolvendo a sua habilidade discursiva.

## 5. Considerações Finais

As discussões apresentadas tiveram como foco o processo de predicação - tal como é concebido pela Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli - e a relevância de se adotar essa concepção no exercício do ensino/aprendizagem de língua. Ressaltam-se as articulações propostas entre questões de ordem cognitiva e lingüística, que se deixam ver pelas relações léxico-gramaticais (variantes lingüísticas) responsáveis pelo processo de construção da significação (invariantes lingüísticas). Para desenvolver a atividade de linguagem, é preciso instalar-se nesse lugar da invariância lingüística, lugar gerador da significação, o que, para tanto, sugerimos um exercício pautado nos conceitos de glosa epilingüística e de operações parafrásticas (famílias parafrástica). Pretendemos, desse modo, levar o aluno a operar com os mecanismos de língua/linguagem, e, assim, desenvolver a sua capacidade lingüística.

## 6. Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4 ed. Trad. Maria Glória Novak e Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1995.

CAMPOS, M.H.C. & XAVIER, M.F. **Sintaxe e semântica do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CULIOLI, A. **Transcription du seminaire de D.E.A. de A. Culioli**. Recherches en linguistique: théorie des opérations enunciatives. Paris; Poitiers: Département de Recherches Linguistiques, Université Paris VII, 1976.

\_\_\_\_\_. **Notes du Seminaire de D.E.A.** Paris; Poitiers: Département de Recherches Linguistiques; Université Paris VII, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. v.1. Paris: Ophrys, 1990. 223p.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a, v.2.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b, v.3.

ONOFRE, M. B. **Operações de linguagem e implicações enunciativas da marca "se"**. 2003. Tese (Doutorado) – UNESP, Araraquara-SP.

REZENDE, L.M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais. v.1. Tese de Livre Docência. Araraquara, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2000.

ROSA, J. G. O corpo fechado. In: ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 29 ed.